

O DISCURSO DE ÓDIO E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO EM DEBATE NO BRASIL

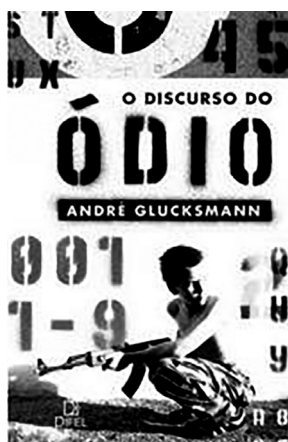
TEMA 10:

MÚSICAS

1. *Deixa eu falar* – Raimundos
2. *Se Liga Aí* – Gabriel O Pensador
3. *Coisas que eu Sei* – Danni Carlos

OBRAS

1. *O discurso do ódio* (André Glucksmann)



Livro analisa o ódio nas sociedades modernas. O filósofo francês André Glucksmann é polêmico defensor de um novo olhar sobre as sociedades contemporâneas.

2. *O que aprendi sendo xingado na Internet* – Leya

“Quando algumas pessoas entram em contato com o que é diferente do seu pensamento, acham que o outro está errado”, opina o jornalista, completando que a violência verbal é uma das respostas encontradas por quem não está acostumado com o diálogo saudável e debate de ideias. “Pessoas que são violentas *online* geralmente não conseguem ser assim no *offline*.”

3. *Como conversar com um fascista* – Marcia Tiburi

Para a escritora, “o fascista não consegue relacionar-se com outras dimensões que ultrapassem as verdades absolutas nas quais ele firmou seu modo de ser. Falta de abertura e um ponto de vista fixo que serve de certeza contra as pessoas que não correspondem à sua visão de mundo preestabelecida”.

FILME

1. *O Ódio na Internet* (Les réseaux de la haine, 2014)

Muito ativa nas redes sociais, a jornalista Rokhaya Diallo foi alvo de discursos de ódio e violência, ela decidiu prestar queixa como uma forma de protesto contra a impunidade que reina na web, além de ir ao encontro daqueles que são diariamente confrontados com ódio na Internet. A repórter investiga maneiras de lutar contra agressões diversas que se espalham na web, como o racismo por exemplo.

SUBSÍDIOS ARGUMENTATIVOS

- **Homofobia**

O Brasil é um país com histórico de homofobia. Segundo relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), 318 gays foram mortos no país no ano passado. Em 2014, a ONG registrou 326 assassinatos do tipo. A intolerância também é vista no ambiente virtual. O recente massacre em boate gay de Orlando (EUA) repercutiu nas redes sociais e áreas de comentários de portais, com usuários apoiando o atirador, que matou 49 pessoas no dia 12 de junho.

- **Misoginia**

Apologia ao estupro, declarações sexistas e pedofilia fazem parte do repertório do discurso de ódio às mulheres. Em maio, a divulgação, nas redes sociais, do estupro coletivo sofrido por adolescente de 16 anos trouxe à tona tentativas de culpar a vítima e incitar a violência contra o sexo feminino. O site “estuproverbal.com” registra, em tempo real, mensagens publicadas no Twitter com termos ofensivos como “vagabunda” ou “safada”.

- **Racismo**

Apesar de o Brasil ter a maioria da população negra (54%, segundo IBGE, em 2015), o racismo tem espaço *online* e *offline*. Em maio, a cantora Ludmilla foi uma das vítimas, quando o internauta Helder Santos fez o seguinte comentário no perfil do Instagram da cantora: “Odeio essa crioula, nojenta, a feiosa se acha”. As atrizes Sheron Menezes e Taís Araújo e a jornalista Maria Júlia Coutinho também sofreram hostilidades nas redes sociais.

- **Xenofobia**

O aumento da imigração na Europa tem reacendido expressões xenófobas contra sírios, muçulmanos e outros grupos, nos mais diversos meios. No Brasil, a intolerância em relação ao estrangeiro é menor, mas o preconceito contra nordestinos continua sendo prática comum no campo virtual. Uma simples busca pelos termos “Nordeste” ou “nordestino” tem grandes chances de trazer resultados com declarações ofensivas.

- **Intolerância religiosa**

O sincretismo religioso é comum no Brasil, assim como a intolerância à diversidade de crenças. O preconceito é plural e atinge muitos credos, embora as religiões afro-brasileiras sejam o principal alvo. Os casos de agressões virtuais costumam estar relacionados também ao racismo, provavelmente a principal causa do preconceito com o candomblé e manifestações de origem africana ou afrodescendente.

- **Cyberbullying**

Podendo abranger os mais diversos tipos de discurso de ódio, o *cyberbullying* tem como alvo um único indivíduo e tem como finalidade ofender ou desmoralizar ou expor alguém ao ridículo. O problema afeta sobretudo os mais jovens e um estudo divulgado em 2015 pela Intel Security apontou que, no Brasil, 66% das crianças e adolescentes entre 13 e 16 anos já presenciaram casos de agressões nas redes sociais e 21% deles foram vítimas.